

A caracterização de Lisa em *Janela Indiscreta* (1954) e o feminino ideal de Hitchcock¹

Beatriz de Souza CHAVES²

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN

Theresa MEDEIROS³

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo discutir a caracterização da personagem Lisa (Grace Kelly) no filme *Janela Indiscreta* (1954), de Alfred Hitchcock. Entende-se aqui caracterização como um processo responsável por construir personagem, em um trabalho em conjunto com o ator e o figurino. A discussão aqui empreendida apoia-se em uma proposta de análise filmica centrada na direção de arte cinematográfica (Bastos; Leite; Medeiros, 2023), evidenciando questões em torno da criação da narrativa visual do filme e da proposta de caracterização da personagem, explorando particularidades do figurino feminino das décadas de 1950 e 1960 no cinema de autoria de Hitchcock.

PALAVRAS-CHAVE: Cinema; Direção de Arte; Caracterização; *Janela Indiscreta*; Representação.

INTRODUÇÃO

A direção de arte emprega um papel crucial em obras audiovisuais, o departamento responsável pela plasticidade do filme, usando de objetos, escolhendo cenários, cores, texturas, figurinos e maquiagens específicas. É com isso que a arte consegue produzir sentidos sem usar palavras, operando em uma lógica de representação, que usufrui dos detalhes e da delicadeza para construir o universo da narrativa visual.

Dessa forma, é necessário entender que a direção de arte não pode ser confundida com o ato de decorar, mas sim de produzir e, mais importante, construir uma narrativa visual condizente com o que foi apresentado pela direção geral do projeto. Essa noção está relacionada com um conceito apresentado por Bordwell e Thompson

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Cinema e Audiovisual e Interdisciplinaridade, evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 8 a 10 de maio de 2024.

² Graduanda no curso de Comunicação Social - Audiovisual na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (DECOM/UFRN). Bolsista de Iniciação Científica no projeto "A presença da direção de arte no audiovisual potiguar: processos criativos e experiências de produção" (PIBIC 2023/2024), email: beatriz.schaves16@gmail.com.

³ Doutora em Comunicação (PUC-Rio). Professora do Dep. de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Artes, Cultura e Linguagens (PPGALC/UFJF) e colaboradora no Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia (PPGEM/UFRN). Pesquisadora do VISU - Grupo de Pesquisa e Extensão em Arte, Imagem e Visualidades da Cena (UFRB) e do EPA! - Grupo de Pesquisa em Economia Política do Audiovisual (UFRN). theresa.medeiros@gmail.com.

(2013), que compreendem que um filme é construído por três espaços: o estabelecido no plano, o editado e montado, e o sonoro, aliando, então, a ideia de que enquadrar também é uma prática da direção de arte.

Dito isso, o estabelecimento de uma relação de criação entre o diretor e a equipe de arte é essencial, visto que, se é o diretor quem vai decidir o enquadramento, executado juntamente com a direção de fotografia, o departamento de arte precisa ter um conhecimento pleno do que está no roteiro, e também das escolhas diretas do diretor geral, para que, tanto os espaços cênicos quanto os componentes que irão fazer parte da caracterização dos atores sejam contemplados.

Neste trabalho analisamos o filme *Janela Indiscreta* (1954), do diretor Alfred Hitchcock, com uma equipe de arte composta por Hal Pereira e Joseph MacMillan Johnson, como diretores de arte, Sam Comer e Ray Moyer, responsáveis pela cenografia, Edith Head como figurinista e Wally Westmore, encarregado pela maquiagem, o filme trabalha muito bem a criação desse mundo. A estrutura dessa equipe nos apresenta inicialmente uma questão: o fato do filme não atribuir créditos para *production designer* (design de produção), função que nesse período de produção hollywoodiana já estava estabelecida. Ao *production designer* é comumente atribuída a função de conceituar a narrativa visual, assim como liderar e supervisionar o departamento de arte e discutir questões de orçamento com o produtor do filme. Em obras que geralmente possuem esse tipo de função, o *art director* (diretor de arte) fica subordinado ao *production designer*. Em sua ausência, o diretor de arte ficará subordinado ao diretor geral do filme, que podemos ler com uma das características do cinema de autoria de Hitchcock e da sua busca pelo controle da aparência de seus filmes.

Essa característica do cinema de Hitchcock consegue ser muito bem percebida em *Janela Indiscreta* (1954), visto que o diretor se interessava por pensar na narrativa de forma visual, a partir da criação de metáforas imagéticas, fazendo com que a equipe de arte tenha que trabalhar de forma meticulosa para a criação das visualidades. Posto isto, ao acompanhar a narrativa é possível perceber esses simbolismos se manifestando de diversas formas, a caracterização e o figurino dos personagens é uma delas.

Compreende-se a caracterização como o conjunto de elementos visuais que ultrapassam a ideia pragmática de apenas vestir e maquiagem um ator. O figurino e a

caracterização são entendidos, respectivamente, como as vestes dos atores e o conjunto de responsáveis por simbolizar, materialmente, quem são aqueles personagens, fazendo com que os atores deixem de ser o seu próprio eu, pessoas reais, e se tornem uma representação que foi idealizada tanto pelo roteiro quanto pela visão de quem irá dirigir o projeto. Em *Janela Indiscreta*, Hitchcock contou com uma figurinista veterana da indústria hollywoodiana e uma dos maiores nomes do cinema desse período, Edith Head. Nesta produção observamos um projeto de construção de figurino que foi elaborado, discutido na pré-produção e que passou por etapas de planejamento, construção simbólico e pré-visualizações, com uso de ilustrações e croquis. Além disso, as contribuições de Head estavam em diálogo com a construção dos cenários, o usos das cores e é claro, o ideal feminino pretendido pelo diretor (Cara, 2008).

JANELAS: O QUE SE VÊ E COMO SE É VISTO

Janela Indiscreta (1954) conta a história de Jefferies, fotojornalista que precisa ficar de repouso em sua casa, por ter sofrido um acidente, e a partir da sua inquietação de não poder viver a vida fora de seu apartamento, o homem começa a observar seus vizinhos pela janela, e acaba descobrindo manias, casos amorosos e até possíveis crimes dos moradores de seu quarteirão, assim como, deixa transparecer seus receios e personalidade.

A história se passa quase inteiramente dentro do apartamento de Jeff, fazendo intercalações com o que as janelas dos outros apartamentos conseguem mostrar, dessa forma, com a ajuda de elementos cenográficos, se torna possível decifrar as informações sobre o personagem principal, como a sua profissão, seu gosto pessoal, sua possível classe social.

Por se tratar de uma trama que intercala entre o que o personagem principal está vivendo dentro do seu apartamento e do que ele vê acontecendo nos outros apartamentos de sua vizinhança, a construção de um espaço cenográfico se torna extremamente importante para a compreensão da história, e por mais que não se tenha o acesso completo ao apartamento dos vizinhos de Jeff, é possível encontrar pistas sobre esses personagens a partir da composição do quadro (*frame*), nos objetos cênicos que estão evidência e até mesmo na arquitetura de seus apartamentos.

A cena inicial do filme pode ser considerada um grande exemplo do desempenho da direção de arte e da sua articulação com outros departamentos, pois é a partir dela que conhecemos grande parte dos personagens. Começando por uma sequência de planos que mostram os prédios vizinhos de onde o personagem principal mora, revelando as pessoas que vivem lá, seus costumes e rotina em um dia quente. Em seguida, a cena segue com um plano sequência que mostra o interior do apartamento de Jeff. Ao mostrá-lo com o gesso em sua perna, a câmera começa a passear pela sua casa, mostra sua câmera quebrada - que assim como sua perna, sofreu com o acidente -, algumas de suas fotografias, outras câmeras que possui, um porta retrato com a foto de uma mulher loira e uma revista em que a capa estampa o rosto da mesma moça. A sucessão de todas essas imagens é muito significativa para a narrativa. É por ela que o público conhece mais do personagem, com base nos objetos que ele possui, ou seja, com o gesso certifica-se que ele está machucado, com as câmeras e as fotos infere-se que aquele pode ser seu trabalho, ou uma paixão, e o conjunto do porta retrato com a revista podem sugerir que Jeff tirou aquela foto, ou que conhece aquela mulher.

A mulher em questão trata-se da sua namorada, Lisa Freemont, que é descrita como “uma típica e ativa nova-iorquina, que trabalha para uma revista de moda e vive nas colunas sociais, desfiles e coquetéis mais concorridos” (Cara, 2008, p. 83). Lisa, é interpretada por Grace Kelly, considerada uma das musas de Hitchcock, e no filme, ela sempre aparece muito arrumada. Seus figurinos, maquiagens e cabelo são sempre muito elegantes e luxuosos, o que contribui para a impressão das características sociais da personagem. Posto isto, torna-se interessante pensar em como a criação da visualidade em torno de Lisa, a partir de sua caracterização, evidencia um certo padrão do próprio diretor em retratar mulheres que estão em papéis importantes no filme, como uma personagem principal ou coadjuvante. Além disso, entenderemos a partir da análise, que os figurinos de Lisa tem relação com outros personagens e ações da trama.

Sendo, então, uma análise filmica que irá discutir as implicações da direção de arte, mais especificamente do figurino e caracterização da personagem Lisa Freemont, no filme *Janela Indiscreta* (1954), torna-se importante entender que o filme foi feito em um momento muito marcante do cinema estadunidense, a Era de Ouro, período correspondente dos anos 1910 aos anos 1950, em que o governo americano incentivou,

a partir de investimentos monetários, a industrialização da sua produção cinematográfica.

O massivo investimento foi usado para tornar o cinema em um *soft power*⁴ para o país, a fim de provar a sua força política e propagar suas ideologias. Assim, torna-se imprescindível a compreensão de que esta análise levará em consideração não apenas os valores sociais estabelecidos naquela época, mas também como esses valores foram contribuintes para a perpetuação de estigmas sociais, como a misoginia e o racismo, por exemplo.

LISA: ENTRE O IDEAL FEMININO HITCHCOCKIANO E OS SIGNOS DOS ACONTECIMENTOS DA NARRATIVA

Em *Janela Indiscreta* uma outra personagem tem destaque, ao lado de Jeff, Lisa Freemont, que é interpretada pela atriz Grace Kelly, um dos ícones da Era de Ouro do cinema estadunidense. Lisa é apresentada no filme como a namorada de Jeff. Uma mulher muito sofisticada, sempre bem vestida, maquiada e com seus cabelos sempre arrumados. Considerada a típica mulher perfeita dos anos 1950, é a partir da forma em que ela é representada no filme, por meio de seu figurino e sua caracterização, que se torna possível entender mais sobre sua personagem e sobre quem está fora daquele espaço, visto que a narrativa não nos dá acesso a outras ações de Lisa, a não ser aquelas acontecidas no apartamento de Jeff. Não existem tantos elementos cênicos disponíveis para que o público possa decifrar quem ela é, uma vez que ela não habita aquele espaço. Nesse sentido, o maior peso narrativo está no figurino e na caracterização, que nos dará inclusive, pistas sobre outros personagens da trama e acontecimentos.

A caracterização de Lisa será estudada aqui a partir dos seus seis figurinos (*looks*), a partir da decupagem dos elementos que compõem sua visualidade (Bastos; Leite; Medeiros, 2023). Neste sentido, o percurso de análise aqui empreendido parte da materialidade que constitui a construção da narrativa visual pela direção de arte, ou seja, elementos como cenografia, figurino, maquiagem e efeitos, para entender sua proposta e a construção da visualidade e produção de sentido.

Na primeira cena em que Lisa aparece, seu figurino já é bastante impactante, Lisa é uma mulher muito sofisticada e que, muito provavelmente, deve pertence a uma

⁴ Entende-se por *Soft power*, a estratégia usada por um país para, através da exportação de sua cultura, provar sua força política e propagar determinadas ideologias.

classe social alta. Nessa mesma cena, torna-se intrigante perceber a dinâmica entre Jeff e Lisa, que mesmo sendo um casal, é enxergada de forma muito distante. É emblemático perceber os olhares intradieгéticos dos personagens uns para os outros (Elsaesser; Malte, 2018, p. 114), pois estes revelam a forma em que a personagem é olhada durante o filme. Revela como forma e conteúdo se relacionam neste filme.

CONCLUSÃO

O fato é que, o figurino e a caracterização de Lisa imprimem quem ela é, e durante o filme, é criada uma representação de que ela é uma mulher com uma personalidade mais dominante, tanto pela forma em que é interpretada quanto pela forma em que é vestida, trazendo uma imponência. Assim, essa dominância parece afetar Jeff e sua masculinidade, o fazendo pensar em uma lógica problemática de que, se relacionar seriamente com Lisa, seria como uma prisão, pelo fato dos dois não serem compatíveis.

A dinâmica da relação de Lisa e Jeff ao longo da narrativa, acontece na lógica do cinema narrativo clássico e sobre isso, o famoso ensaio de Laura Mulvey (1973)⁵ nos dá ferramentas para pensar os tipos de olhares que são estabelecidos. Se aqui discutir a caracterização da personagem é central para o trabalho, sua problematização central se encontra na relação posta entre o casal e nos olhares: da câmera, do espectador e intradieгético dos personagens.

Sendo assim, o figurino e a caracterização de Lisa, em *Janela Indiscreta* (1954), ultrapassam suas funções pragmáticas da indumentária, e servem como apoio narrativo para os acontecimentos da trama, revelando uma conexão com os ocorridos e, para além disso, também serviram de apoio para reforçar uma ideia estigmatizante de dinâmicas de gênero e representações femininas no cinema.

REFERÊNCIAS

BASTOS, Dorotea Souza; PAIVA, Milena Leite; MEDEIROS, Theresa. **Apontamentos iniciais para uma metodologia de análise filmico a partir da direção de arte.** In: SUING, Abel et al. *Imagens em Movimento*. Lisboa: RIA Editorial, 2023.

⁵ MULVEY, Laura. **O prazer Visual e Cinema Narrativo.** In: XAVIER, Ismail (org). *A experiência do cinema: antologia*. 2ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2021. p. 355-370.

BORDWELL, David; KRISTIN, Thompson. **A arte do cinema: uma introdução**. Campinas, SP: Editora da Unicamp; São Paulo, SP: Editora da USP, 2013.

CARA, M. **Vestidas para representar: o figurino feminino nos clássicos de Hitchcock**. dObra[s] – revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda, [S. l.], v. 2, n. 3, p. 81–87, 2008. DOI: 10.26563/dobras.v2i3.361. Disponível em: <https://dobras.emnuvens.com.br/dobras/article/view/361>. Acesso em: 25 mar. 2024.

ELSAESSER, Thomas; MALTE, Hagener. **Teoria do Cinema: uma introdução através dos sentidos**. Campinas, SP: Papyrus, 218.

MOURA, Carolina Bassi de. **A direção e a direção de arte: construções poéticas da imagem em Luiz Fernando Carvalho**. 2015. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27156/tde-14072015-121751/>. Acesso em: 25 mar. 2024. Acesso em: 20 de mar. de 2024.

MULVEY, Laura. **O prazer Visual e Cinema Narrativo**. In: XAVIER, Ismail (org). A experiência do cinema: antologia. 2ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2021. p. 355-370

SANTOS, Priscila Tatiane dos. **Gêneros e figurinos no cinema de Hitchcock**. Dissertação (Pós-graduação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/5317>. Acesso em: 20 de mar. de 2024.

FILMOGRAFIA:

Janela Indiscreta. Direção: Alfred Hitchcock. Produção: Alfred Hitchcock. Youtube Filmes. 1954. 152 min.